



AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO

# «AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO»

Publicação orientadora do «Movimento dos apóstolos do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»

**ANO V -- N.º 23 -- NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1960**

## *Sumário*

A nossa saudação .....	1
O coração que a fé sempre animou .....	2
A tua vida divina .....	5
Caminhos de luz .....	7
Natal .....	9
Aquela que nos deu Jesus .....	10
O Rosário da família .....	12
Notícias do Movimento .....	16
Aos portugueses da América .....	19
Graças da Rainha do Mundo .....	20
Nas pégadas dos mártires .....	23

### DIRECTOR

P. JOSÉ ALVES

### SECRETÁRIOS

#### Secção feminina:

Dr.<sup>a</sup> Carolina Augusta Perez Brandão

Rua Bocage, 59, 1.º — Lisboa

#### Secção masculina:

Dr. Manuel Vitorino Rodrigues Teixeira

Rua dos Ferreiros à Estrela, 44 - 1.º

Lisboa

### ADMINISTRAÇÃO

Rua Viriato, 16, 1.º — Lisboa 1

**«Tudo pela grandíssima glória do nossó Pai Celeste em Jesus Cristo Nosso Senhor, por seu Divino Espírito e em união com o Santíssimo Coração de Maria»**  
(V. P. Libermann)

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

# A Nossa Saudação

**Ao nosso Santíssimo Padre o Papa João XXIII,**

Ao nosso Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa,

Aos Eminentíssimos Cardeais da Santa Igreja Romana,

Aos Excelentíssimos Arcebispos e Bispos de Portugal e do mundo inteiro,

Ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Ao Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho.

A todos os nossos Governantes,

A todos os Superiores Maiores dos Institutos Religiosos Masculinos e Femininos,

A todos os Rev.<sup>mos</sup> Párocos,

A todos os sacerdotes do Senhor,

A todos os religiosos e religiosas,

A todos os missionários do mundo,

A todos os seminaristas e aspirantes ao Sacerdócio,

A todo o povo cristão espalhado pelo Orbe,

A todos os homens que povoam a terra, fiéis ou infiéis, grandes ou pequenos, pobres ou ricos,

A todos os leitores, compositores, tipógrafos e encadernadores de «Ao serviço da Rainha do Mundo», bem como a todos os nossos irmãos e irmãs do ideal dentro do nosso Movimento,

**A toda a Igreja do silêncio...**

DESEJAMOS UM BOM E SANTO ANO NA PAZ DE DEUS,  
SOB OS AUSPÍCIOS MATERNAIS DO CORAÇÃO  
DOLOROSO E IMACULADO DE MARIA, MÃE DE DEUS!

---

*«Venho desejar-vos um Bom Ano em nome do nosso Pai e Senhor Jesus, e de Maria, nossa queridíssima Mãe. Desejo-vos tudo quanto para vós desejam Jesus e Maria.»*

Quando Jesus pousava os olhos sobre a multidão que o rodeava, para nela discernir a verdadeira fé que de todos sempre exigia, sentia-se extasiado e

# O Coração que a

(Continuação do

consolidado perante a fé robusta de Sua Mãe. Por entre as várias respostas de Fé que, em graduação diferente, as gentes lhe davam, desde a dúvida medrosa e tímida à incredulidade obstinada, a de Maria aparecia-lhe como o verdadeiro tipo da fé. Ele, que lia no mais íntimo dos corações, sabia que Ela fora a primeira a acreditar nEle, muito antes de todos os seus ouvintes, pois que nEle acreditara antes de O conceber em seu seio virginal e, muito acima de todos, pois que a fé dela fora, desde o primeiro instante, perfeitíssima e sem a menor sombra de dúvida, sem a mais leve reticência. Ao olhar divino de Jesus, não podia escapar aquele momento solene e único da Anunciação em que do coração da Virgem havia jorrado um magnífico acto de fé, modelo de todos os que o precederam, e sustentáculo dos que se lhe seguiriam até ao fim dos tempos.

Mais que ninguém, Maria entra de direito no grupo dos «pobrezinhos de Yahwé» que só em Deus põem sua confiança, que vivem da fé.

E porque a lei da fé é para todos de urgente necessidade e, ainda, porque Maria a realizou, plenamente, vê-se que Jesus tem muito a peito, a propósito de tudo, proclamar, bem alto, que nessa vida de fé é que está toda a grandeza e felicidade de Sua Mãe. «Bem aventurado o ventre que te trouxe e os peitos a que foste amamentado», exclamará aquela mulher, tocada de admiração por Jesus, e vá lá, não sem uma pontinha de inveja por Aquela que era Mãe de tão rico Filho. Jesus não nega que Sua Mãe seja feliz, mas, em sua resposta, põe, bem em relevo, qual a fonte dessa felicidade, afirmando, em tom de lei geral: «Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática».

A verdadeira grandeza e alegria que Maria possui, não se encontra no plano das alegrias humanas, mesmo legítimas; situa-se ao nível superior das relações de sua alma com Deus. «A virgem

# té sempre animou

penúltimo número )

é Aquela que escutou a palavra de Deus, a escutou a quando da Anunciação, como ser algum o havia feito até então, com uma abertura de coração sem li-

mites, num abandono, sem reserva, da fé. Desde então, guardou esta palavra esforçando-se por aprofundar-lhe o sentido, para dela poder viver mais a sua fé. Encontrando, portanto, em seu coração, um domínio ideal de penetração, a palavra de Deus encheu Maria de uma beatitude divina».

E, noutra ocasião, Jesus insiste na mesma lição, de uma maneira mais impressionante. Ao anunciar-lhe que os de sua família o reclamavam, põe o problema bem em foco: «Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?. E, lançando um olhar sobre todo o auditório: «Eis aí minha mãe e meus irmãos! Porque o que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe». A notar que Jesus, não receia aplicá-lo aos seus ouvintes, esse título de mãe, ali mesmo diante de Maria; isto significa que não há para Ele outro parentesco além do da fé e da adesão à vontade divina. É a título desta fé — declara o Salvador — que Maria é Sua verdadeira Mãe. Secreto elogio de Maria e clara condenação da pouca fé dos seus parentes. Ela, sim, tinha fé no seu Filho e na sua missão salvadora, ao passo que eles não acreditavam nele e opunham-se à vontade divina, querendo dissuadi-lo de seguir na sua missão.

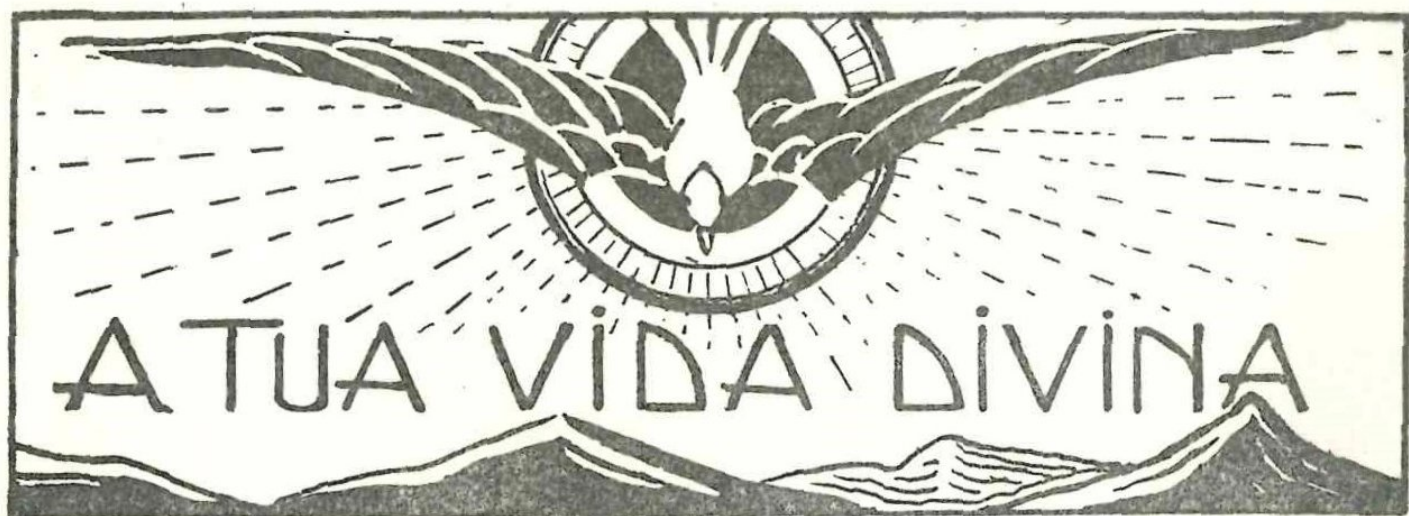
E as bodas de Caná vêm sancionar a robustez e maturidade da fé de Maria. O milagre não foi concedido por um simples motivo de afeição maternal ou como salvo-conduto que Cristo deva a Sua Mãe para modificar a ordem dos acontecimentos de seu vida apostólica. Não. Era simplesmente uma resposta à fé brilhante de Maria, era uma graça que Jesus teria concedido a qualquer outra criatura, que não Sua Mãe, se nela encontrasse as mesmas dimensões de fé. «Se o milagre aparece como um acontecimento excepcional, pois que inaugura a série dos milagres, é que a fé tinha um carácter excepcional, e inaugurava a fé cristã da incontável multidão dos crentes de todos os tempos».

No próprio milagre encontramos uma perfeita imagem dessa fé da Virgem Fidelíssima: as talhas foram enchidas até cima e a abundância do vinho foi até ao máximo: a fé da Mãe de Jesus foi completa e até ao extremo da confiança; foi de um vigor notável.

Não deixemos de notar que, até então, não havia Jesus operado qualquer espécie de milagre. Quando, mais tarde se verificar que «os cegos vêem, os coxos andam e os mudos falam, e os mortos são ressuscitados», então, já se compreende que se lhe dirijam espontaneamente a pedir uma cura extraordinária. Mas aqui, Maria, reclama um prodígio a quem ainda não realizou nenhum, nem tão pouco deu mostras de ter tal poder. Como se atreveu ela a fazer tal pedido? Donde lhe veio a inspiração? Nada mais nada menos que da profundidade da sua fé. Já neste momento podia ser definida por Aquele que lê nos corações, como «feliz porque crê sem ver. Maria acreditou antes de ter visto. Nesta longa experiência e aprofundamento de fé que a vida de Nazaré lhe dera, a Virgem fazia ecoar, mais vibrantemente, nesta hora, ao dealbar da vida pública de Jesus, o mesmo acto de confiança do momento da Anunciação, ao acreditar no nascimento miraculoso do Menino que lhe era prometido.

Assim aparece, de uma maneira discreta, mas muito significativa, a força excepcional da fé de Maria. No Momento das bodas de Caná era Maria a **única a crer...** por isso o Evangelista se apressa em afirmar que, desde essa hora, os «discípulos creram nEle. (Jo. II. 11).

Com o sentir-se só nesta solidão de fé, não se deixou a Virgem levar pela timidez ou medo, antes, pelo contrário, isso lhe dá um vigor novo, verdadeiramente prodigioso, de santa audácia. Até aqui, claro está, que Maria, na vida de Nazaré, nunca reclamara de seu filho qualquer milagre... cedo compreendera o mistério dessa vida oculta do Salvador e, toda compenetrada de seu valor, plenamente se conformara com a intenção de Jesus em ficar na sombra e no silêncio. Ontem, era esta a sua atitude. Hoje, o seu olhar, olhar de quem «conserva e medita, santamente, em seu coração, as coisas do Senhor» ela compreendia que, por seu ministério apostólico, Jesus se quer revelar no mundo. E Ela — a Divina Apóstola — não perde ocasião alguma de levar as almas a Jesus, até que todas vejam, como Ela, que Cristo é o Filho de Deus.



A Vida Divina é um mistério.

Mistério feito de mistérios.

Que são os mesmos mistérios do teu rosário.

Vamos, por isso, contemplá-la agora, segundo o fio de contas do teu terço.

#### Primeiro mistério

O anjo do Senhor anunciou a Maria.

E ela concebeu do Espírito Santo.

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.

É o mistério, raiz de todos os mistérios.

Quando contemplas o rio majestoso, cujas margens alimentam florestas e cujo amplo estuário abriga as viagens dos transatlânticos, esqueces, com certeza, o humilde veiozinho de água que, lá longe, a centenas de quilómetros, jorra das faldas das montanhas. E, todavia, sem o seu esforço escondido, nas entranhas da terra, à procura de luz, nem as frondosas árvores, nem as potentes geradoras eléctricas, nem o grande porto, teriam existido.

Quem se não espanta, com o gigantesco curso do cristianismo, cujas águas se espraíam, banhando as margens dos séculos e das civilizações, até nossos dias? Mas a vida de Cristo, a existência da Igreja, o sangue dos mártires, a epopeia das missões, a proliferação dos mosteiros, as instituições de caridade, a floração dos santos, tudo, absolutamente tudo, nasce daquele mistério:

o anjo anunciou...

e a Virgem concebeu...

Dele também nasce o tua Vida Divina. Tu, como gota de água, pequena sem dúvida, mas que ajuda a engrossar a corrente, vais singrando, mergulhado no imenso e impetuoso caudal que brotou do Fiat duma simples e desconhecida jovem de Nazaré, há dois mil anos.

O primeiro mistério, porém, a Incarnação do Verbo, não está longe da tua vida, como longe das margens do rio se encontra o veio de água humilde que lhe deu origem. Está mais junto de ti e mais em contacto contigo, que essas contas que os teus dedos vão passando. Mais junto de ti, porque dentro de ti. Não pode haver Vida Divina para ti, senão, na medida, em que o mistério da Incarnação se renova em ti.

Este é sempre o mistério primordial, na Igreja e nos homens.

O Filho de Deus por natureza assumiu um homem, gerado da Mulher, e assim, nEle, a natureza divina e natureza humana ficaram a ser a única Pessoa que é o Filho de Deus.

Tu só podes viver uma Vida Divina, encorporando-te a este primeiro mistério do teu rosário, a este mistério da Incarnação do Verbo.

Este mistério começa, de novo, todas as vezes, que o homem aceita e abre o seu ser ao Verbo que quer vir a ele, para dele fazer um filho de Deus. De cada vez, que o homem abre os braços a Cristo e os ouvidos à Palavra de Deus, mais uma vez se renova o primeiro mistério do teu rosário.

Tu deves ser esse mistério!

É também um mistério de paternidade e maternidade, porque é um mistério de vida. Toda a vida precisa dum seio que a abrigue e dum amor que a chame.

Quando o Verbo estava junto de Deus, o seio em que se abrigava era o Pai (in sinu Patris) e o amor que o chamava era o mesmo Pai, de quem ele era o Verbo. Quando o Verbo quis incarnar, teve de procurar outro seio, sem deixar o mesmo amor.

Tu não podes nascer para a Vida Divina, sem entrar no seio de tua Mãe, a Igreja e, por isso mesmo, no de Maria, sua realização consumada. É neste seio, que tu ouves o apelo de amor do Pai e comesças a viver a tua Vida Divina, fazendo um com Cristo.

Oh! primeiro mistério do nosso rosário!

# CAMINHOS DE LUZ

## NEM CÁ NEM LÁ...

**S**ÃO as almas de meio termo: não são pessoas más — toda a gente o diz; não fazem mal a ninguém — todos o sabem. Também todos sabem que não são gente, com quem se possa contar, para fazer o bem. Nem boas nem más. Exactamente: são almas de meio termo. Nem decididamente a favor, nem francamente contra. Vão compondo as coisas. Condescendem com as conveniências, numa tentativa flácida, de evitar atritos. A estas almas invertebradas, aplica o Apocalipse palavras das mais agressivas de toda a Escritura: «Vomitare-te-ei da minha boca, porque não és frio, nem quente». As almas mornas não terão lugar no Reino de Deus, porque o Reino de Deus é um reino de fogo. Um reino de totalidade e de plenitude. Só as almas em labareda aguentarão a temperatura desta fornalha.

«Vem e segue-me.» Cristo não é uma figura que se possa contemplar da varanda ou que nos baste ver de passagem. É preciso segui-lo, pelas estradas. Segui-lo sem cautelas, nem medidas, nem prudência. Prudente o jovem do Evangelho? Tinha muitos haveres e não era prudente deixá-los ao desgoverno. E ficou. E naquela página do Evangelho, ficou sempre aquele gesto, à sombra, a contar a história triste de uma vocação que se perdeu. Quando Cristo passa — ou nos leva consigo, ou nós seremos vocações perdidas. Há qualquer coisa de aventura, na conquista do Reino dos Céus. A nossa atitude, muitas das nossas atitudes hão-de parecer disparates, por vezes desperdícios incompreensíveis de ocasiões magníficas. Mas o Evangelho fala-nos de loucuras: a multidão que seguia o Senhor havia três dias, sem comer; aquele vaso de alabastro, com que Madalena ungiu os pés do Senhor, que se podia vender por bom dinheiro, para acudir aos indigentes; um Mestre a lavar os pés aos discípulos, no momento solene da sua festa de despedida... loucuras... exageros...!

Cristo é um extremista e é, nos extremos, que nós temos de o procurar. Os cristãos cautelosos, diz Sciacca, são indubitavelmente cautelosos, mas não são cristãos. Bastava uma só gota do sangue de Cristo, qualquer movimento do seu coração, para a redenção

da humanidade. Bastava à suficiência, mas não ao Amor. Onde houver amor, não pode haver medida, nem conta-gotas, nem cabe a perspectiva do suficiente. Ou somos todos, ou não somos. Foi por isso que Ele deu o seu sangue todo. É por isso que Ele nos pede a nossa vida toda. É a lei do amor. Por isso mesmo, os de meio termo serão vomitados do seu coração. É que não amam, cristãos de favor, ou de condescendência não cabem no reinado do Amor. Cristo foi repellido pela multidão, por causa da sua intolerância. A multidão convinha-lhe a compreensão, o meio termo, uma religião sem extremos, sem Cruz. Não assim, Dimas. Dimas era mau, mas não medíocre, nem morto. Nem amorfo, como a multidão. Era o que era. Foi por isso, que a intolerância de Jesus o converteu. «Só acreditou nEle, quando o viu crucificado». (Fulton Sheen) Os extremos atraem-se. Antes fosses frio... diz a Escritura.

Será que o cristão terá, por força, que ser um deslocado, no mundo? Um deslocado, não, que é, precisamente, no mundo, o seu lugar. Um incómodo, sim. Incómodo, porque vem desalojar posições adquiridas e inquietar atitudes satisfeitas. Ele é arauto de uma ordem nova. Nova, ainda, depois de anos longos e velhos de Evangelho. O cristianismo é, ainda hoje, uma novidade. São séculos estratificados de comodismo e futilidade, de concupiscência e pecado, que é preciso remover. É uma mentalidade hostil que é preciso enfrentar, um mundo todo que se há-de levantar, unido na sua defesa, à passagem do cristão — à tua passagem. Um mundo unido, na luta, pelos direitos que a prescrição de tantos anos de tolerância lhe deu. Uma ordem nova — a tua atitude nova — hão-de, necessariamente, criar atritos e incomodar. É a lei da novidade. Conheces alguém que tenha sido vítima, tanto ao vivo, deste conflito, como o Senhor Jesus? Se O amas, se não és das almas mornas, nem cá nem lá, que ninguém te pergunte, se tens coragem para O seguir — que seria duvidar do teu amor.

Dificuldades? Hás-de as ter e desânimos também, que a consciência e a experiência dos nossos limites, são uma tentação. Mas as nossas quedas nunca têm importância, «enquanto, das sombras, onde caímos, se divisarem ainda os nossos braços, numa tentativa de libertação». Braços erguidos são mãos de reza. NEle podemos tudo.

T. N.

# NATAL... REDENÇÃO

«Hoje nasceu Cristo; hoje apareceu o Salvador».

«Alegrem-se os Céus e exulte a Terra ante a Face do Senhor, porque Ele chegou».

O Cristo, o Filho de Deus vivo desce à Terra por Amor dos homens, de todos os homens.

Vem tomar-nos em Suas Mãos e erguer-nos à condição divina de Filhos de Deus.

Rasga-se a noite em que vive a humanidade e surge o «Sol da justiça». Um Mundo Novo começa.

A Terra inteira estremece e vibra: erguem-se os simples e humildes... vergam-se os sábios e poderosos — e todos caminham ao encontro da Luz. Guiados pela Fé percorrem, ansiosos, longa estrada em procura do Menino que é Deus e, perante o berço humilde, louvam-nO e reconhecem-nO como Senhor do Universo, oferecendo-lhe o que de melhor têm em seus corações.

«Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos homens de boa vontade», cantam os anjos.

E Deus é glorificado, naquele Menino que a Terra, rendida, adora; e a Paz penetra o coração dos homens de boa vontade que acorrem ao chamamento... Paz verdadeira que os inunda e que os renova e tão intensa e forte que os arrasta dizer aos ausentes «Vinde, Deus está connosco, vinde adorá-LO».

\* \* \*

E o caminho que percorreram em busca dEle é agora percorrido, em sentido inverso, em busca dos que não vieram ainda:

«Vinde, hoje nasceu o Cristo; hoje apareceu o Salvador».

\* \* \*

E à volta do Menino-Deus há um renovar constante, um renascer permanente: é o Mistério da Vida Divina, é a Igreja que nasce, de Jesus, nessa hora. A seiva começa a correr de ramo em ramo; a videira rebenta em sarmentos e os sarmentos multiplicam-se; as células do Corpo Místico começam a unir-se, polarizadas pela força estranha que dimana d'Aquele Menino que há-de derramar o seu sangue pela Salvação do Mundo.

Natal... Paixão! Dois passos do mesmo Mistério gratuitamente realizado em benefício da humanidade!

Mistério de Amor Divino que se derrama em torrentes sobre a Terra — em fachos de luz e rios de sangue, em balbúcios de criancinha e agonias de Homem, em sorrisos da Virgem-Mãe e lágrimas da Senhora das Dores — Mistério da Redenção de todos os homens.

\* \* \*

Vinde, ó vós todos para quem ainda não brilhou o Sol da Esperança. «Nasceu uma luz nas trevas para os rectos de coração».

\* \* \*

«E os coxos andam, os cegos vêem e os paralíticos caminham...!»

C. B.

**M**ÃE — É palavra que nunca a inteligência nem o coração humano hão-de penetrar inteiramente. Aquela que nos concebe em seu seio à custa de muito sofrimento e trabalho, que nos ama apaixonadamente antes de podermos corresponder ao menos com um sorriso, que nos aperta ao peito enquanto nos dá o primeiro alimento, que vela por nossos passos enquanto precisamos do amparo da sua mão, e que nos acompanha com seus cuidados enquanto fazemos as primeiras experiências da vida; é tão divina a sua missão que a faz criadora de alguma coisa do que só a Deus pertence.

E Maria é Nossa Mãe! Dá-nos Jesus, o fruto bendito do seu puríssimo ventre, o desejado dos séculos passados, o anunciado dos Profetas antigos, o Filho Unigénito de Deus, aquele que vem para nos libertar da escravidão do pecado, que se fez nosso irmão e que é nosso Salvador.

Na hora sublime do anúncio de Gabriel, tudo isto lhe é revelado com claridade suficiente para que Ela diga a Deus o sim do seu consentimento: FIAT.

Às outras mães nascem os

# AQUELA QUE

Por D. FRANCISCO RENDEIRO,

filhos na ignorância do seu futuro, na incerteza do bem ou do mal que um dia hão-de fazer. Um santo, um criminoso podem igualmente ser gerados e amamentados pelas mesmas entranhas e pelos mesmos seios, que nem a alegria de um nem a angústia de outro se revelam ao coração da mãe, senão pela misteriosa incerteza do futuro.

No mistério da Anunciação a plenitude da maternidade espiritual antecipa-se à própria geração física.

É por isso que nunca a humilde donzela de Nazaré será por demasiado exaltada. Os coros de todas as gerações humanas, os anjos de todas as Jerarquias celestes, hão-de dizer, até ao fim dos tempos e pela eternidade sem fim, que Ela é bendita entre todas as mulheres. Serão torrentes de louvor que extasiarão o próprio Deus, serão torrentes de amor em que os eleitos retribuirão aquilo que não pode retribuir-se.



À guisa de nota para os devotos de Maria, que porventu-

# NOS DÁ JESUS

BISPO DO ALGARVE

*ra leiam estas considerações, queremos dizer que o mistério da Nossa Mãe do Céu nem sempre se entende como é devido. A devoção a Maria é para muitos um sentimentalismo de bases bem precárias. Pobre devoção.*

*Ela bem merece que nos debrucemos sobre o seu mistério e que o penetremos tanto quanto nos é possível. Nem os próprios teólogos, os mestres da Ciência Sagrada, sondaram ainda, convenientemente, a riqueza dos seus tesouros. Entretanto nós podemos ir muito longe numa descoberta de cada dia em que a inteligência acompanha o movimento do coração. No desejo de orientar este trabalho que reserva a quem o faz as surpresas mais consoladoras, queremos dizer aos devotos de Maria que fixem os seus olhares na cena da Anunciação. É aí que se encontra a mais abundante riqueza do mistério de Maria. Procurem descobrir, nesse mistério, o jogo da inteligência dessa Menina, recebendo a jorros a luz da revelação do Anjo. Ela aprendera as Escritu-*

*ras do Templo de Jerusalém, Ela meditara como todas as almas piedosas, as promessas da Antiga Lei. E agora, um anjo vem dizer-lhe que tudo aquilo acontecerá no seu seio virginal. Ela entende, Ela crê no mistério que aceita, com entusiasmo. Destumbrada pela luz do Alto, Ela projecta o seu olhar até aos confins da eternidade. Ela vê a Igreja da terra e do Céu com uma geração incontável que começa no seu seio.*

*Ela aceita — Uma palavra apenas, saída dos seus lábios com singeleza extrema e dita do coração com amor sem medidas, num Fiat de acolhimento do plano misericordioso da Redenção transforma-A, num instante, em MAE DE DEUS E NOSSA MÃE.*



É com íntima comoção e profundíssimo reconhecimento que registamos esta honra e benefício que S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo do Algarve nos faz com se dignar escrever na nossa Revista, depois de nos ter mandado a sua adesão ao nosso Movimento, pedindo para ser inscrito no número dos apóstolos.

Agradecemos e ousamos pedir a continuação de tão preciosas e substanciais lições, para honra e glória do Coração da Boa Mãe Celeste.

# O ROSÁRIO DA F

*Em 8 de Outubro de 1941, S. Santidade Pio XII recebia, em audiência, um grupo de recém-casados; na alocução que lhes dirigiu, o Santo Padre falou-lhes singularmente do Santo Rosário. Seja-nos lícito perpetuar, na nossa Revista, a recordação dessas considerações do Soberano Pontífice, para digno objecto de grata e profícua meditação de todos os Apóstolos e Apóstolas do Imaculado Coração de Maria, que têm a peito viver e propagar a mensagem de Fátima.*

« **V**INDOS a Roma, queridos novos esposos, a fim de implorar e bênção do Pai comum dos fiéis, para os vossos lares, Nós quiséramos que levásseis, ao mesmo tempo, uma maior devoção ao Santo Rosário de Maria Virgem, a quem está consagrado este mês de Outubro... Devoção a que a piedade romana está ligada, por tantas recordações, e que, tão belamente, se harmoniza, com todas as circunstâncias da vida doméstica, com todas as necessidades e disposições de cada membro da família.

Em vossas visitas aos Santuários desta Cidade Eterna, quando alguma das suas basílicas, ou dos seus gloriosos túmulos de Santos, vos comoveu, mais fortemente, e, não contentes com uma rápida passagem, aí vos demorastes, em fervorosa prece pelas vossas comuns intenções, a oração que, espontâneamente, vos aflorou aos lábios, não foi, acaso, mais frequentemente, a recitação de alguma parte do vosso Rosário?

**Rosário dos novos esposos**, que vós, um em conjunto com a outra, recitais no alvorecer da vida que, para vós se abre, com as suas risonhas perspectivas, mas, também, com os seus mistérios e as suas responsabilidades.

É tão doce, na alegria destes primeiros dias de intimidade total, depositar, desta maneira, esperanças e propósitos do futuro, sob a protecção da Virgem toda pura e poderosa, da Mãe terna e misericordiosa, cujas alegrias, dores e glórias, perpassam, ante os olhos da vossa alma, à medida que as dezenas das Ave-Marias se vão sucedendo, e enquanto recordais os exemplos da mais santa das Famílias!

# AMÍLIA

**Rosário das crianças:** rosário dos pequeninos que, segurando em seus deditos, ainda inexperientes, as con-

tas do terço, repetem lentamente, com aplicação e esforço, mas já, com tanto amor, o Pai-Nosso e as Ave-Marias, que a mãe, pacientemente, lhes ensinou.

Enganam-se, às vezes, hesitam, atrapalham-se, é verdade; mas há um candor tão confiante no olhar que dirigem para a imagem de Maria, d'Aquela que já sabem reconhecer como a sua Mãe do Céu!

Depois, será o rosário da primeira Comunhão, que tem um lugar à parte, entre as recordações daquele tão grande dia. Lindo! Mas que não guardarão como um mero objecto de luxo, senão como um instrumento que as ajudará a rezar e a levantar o pensamento para a Virgem Santíssima.

**Rosário da donzela,** já crescida, jovial e serena, mas, ao mesmo tempo, séria e pensativa, ante o seu futuro; que confia a Maria, Virgem Imaculada, prudente e benigna, os sonhos da entrega e dom de si mesma, a que sente abrir-se-lhe o coração; que ora por aquele (dela ainda ignorado, mas já conhecido de Deus) que a Providência lhe destina e que, semelhante a si, quisera ela, fosse um cristão fervoroso e generoso.

Este Rosário, que ela tanto gosta de recitar, ao domingo, juntamente com as suas companheiras, deverá, durante a semana rezá-lo, talvez, entre os cuidados da casa, ao lado da mãe, ou, nas horas do trabalho, na oficina, ou no campo, quando conseguir um momento livre, para se recolher a uma humilde igrejinha, ali perto.

**Rosário do jovem,** aprendiz, estudante, agricultor, que se prepara, trabalhando, corajosamente, para ganhar, um dia, o pão para si e para os seus.

Rosário que ele conserva, preciosamente, consigo, como uma protecção daquela pureza que ele deseja levar intacta ao altar, no dia das suas núpcias; rosário que ele recita, sem respeito humano, nos momentos que lhe ficam livres, para o recolhimento e para a oração; que o acompanha, debaixo do uniforme militar, no meio das fadigas e perigos da guerra; que suas mãos, apertarão, pela última vez, no dia em que, porventura, a pátria lhe peça o supremo sacrifício, e que os seus companheiros de

armas, comovidos, lhe encontrarão, entre os dedos ensanguentados e frios.

**Rosário da mãe de família**, da operária, ou da camponesa: simples, sólido, usado já desde há muito tempo, que ela talvez não possa tomar na mão, senão à noite, quando, bem cansada das lides do dia, ela encontra, ainda, em sua fé e em seu amor, força para rezá-lo, lutando contra o sono, por todos aqueles que lhe são caros, por aqueles, especialmente, que ela sabe mais expostos aos perigos da alma e do corpo, que ela teme sejam tentados ou afligidos, que ela vê, com tanta tristeza afastarem-se de Deus.

Rosário da mulher do mundo, quiçá rica, mas, tantas vezes, sobrecarregada de preocupações e angústias bem mais pesadas.

**Rosário do pai de família**, do homem trabalhador e enérgico, que nunca se esquece de levar consigo o seu terço, juntamente com a caneta estilográfica e a agenda dos negócios; que ele, professor eminente, engenheiro afamado célebre, advogado eloquente artista genial, agrônomo experimentado, não tem vergonha de rezar, com devota simplicidade, nalguns breves momentos, arrancados à tirania do trabalho profissional, a fim de retemperar a sua alma de cristão, na paz de uma igreja, aos pés do tabernáculo.

**Rosário dos velhinhos.** Velhinha avó que faz correr incansavelmente as contas, por entre os dedos, já gastos, ao fundo da igreja, enquanto as suas pernas, já entorpecidas, lhe permitem deslocar-se até lá, ou durante as horas da sua forçada imobilidade, na cadeira, ao lado da braseira.

Tia velhinha que consagrou as suas forças ao bem da família, e agora, ao aproximar-se o termo de uma vida, empregada em boas obras, alterna, com inesgotável abnegação, os pequenos serviços, que ainda pode prestar, com as numerosas dezenas de Ave-Marias que repete, sem se cansar, com o seu terço.

**Rosário do moribundo**, apertado, na hora derradeira, como um último apoio, entre as suas mãos trémulas; à sua volta, os entes queridos o rezam em voz baixa; rosário que ficará, sobre o seu peito, juntamente com o crucifixo, a atestar a sua confiança, na

misericórdia divina e na intercessão da Virgem, de que estava cheio aquele coração que deixou de bater.

**Rosário, enfim, da família inteira**, rezado, em comum, por todos — pequenos e grandes — que reúne, à noite, aos pés da Virgem, aqueles que o trabalho do dia havia separado e dispersado; que os une aos ausentes e desaparecidos, cuja recordação se aviva, numa oração fervorosa; que consagra, desta maneira, o laço que os estreita a todos, sob a maternal protecção da Imaculada, Rainha do Santíssimo Rosário.

Em Lourdes, como em Pompeia, Maria quis mostrar, com inúmeras graças, quão grata lhe é esta devoção, à qual convidava a sua confidente Santa Bernardette, acompanhando as Aves-Marias da menina, com o lento desfiar do seu formoso rosário, reluzente, como as rosas de ouro que brilhavam a seus pés.

Respondei, queridos novos esposos, e estes convites da vossa Mãe Celeste, reservando ao seu Rosário um lugar de honra, nas orações das vossas novas famílias, famílias que Nós gostosa e paternalmente abençoamos, assim como a todos os filhos e filhas aqui presentes, em nome do Senhor.

*«Nenhuma coisa nós vemos no Evangelho, nos sermões de Nosso Senhor Jesus Cristo, recomendada com mais insistência do que a oração. Recomendou Ele muitas vezes: «Rezai, rezai: é preciso rezar, rezar sempre, não cessar nunca: rezai, pedi e obtereis...», de tal maneira era impossível satisfazê-lo, na prática da oração» — PIO XI.*



*«A oração é a respiração da alma. Sem a oração frequente e fervorosa, a alma torna-se anémica, a fé enfraquece, a esperança definha, e no lugar da caridade, assenta-se o egoísmo, como chumbo, nos corações» — PIO XII.*

# Notícias do Movimento Santa Catarina — Cabo Verde

## OS PRIMEIROS FRUTOS

**C**OMO é de todos bem sabido, o centro de Santa Catarina, talvez o mais humilde e pobrezinho do nosso querido Movimento, tem apenas quatro anos de existência.

No entanto, apesar da sua mocidade e de crescer em terra de missão, começou já a dar magníficos resultados.

É que a centena de apóstolos e apóstolas desta missão compreenderam, logo, desde a primeira hora, todo o alcance destas duas palavras «reparação e amor», e tomaram muito a sério a realização prática de tão sublime ideal.

\* \* \*

Sem atenderem a dificuldades de tempo, trabalho ou distância, deram-se, de alma e coração ao Movimento; e, por palavras, mas e, sobretudo, por obras, demonstram à evidência, que aquela inspirada divisa lhes calara fundo na alma.

A pontualidade às reuniões regulamentares foi sempre uma nota impressionante, que caracterizou a actividade deste centro caboverdiano. Mau tempo, chuva, vento ou calor, nunca foram desculpa para estarem ausentes.

A distância e o caminho impraticável nunca foram razão para não se apresentarem a tempo e horas.

Sòmente alguma doença grave, ou viagem inadiável, constituíam motivo plausível, para se faltar à chamada. E, neste último caso, com que mágoa e pesar se desculpavam ao missionário, na reunião imediata!

\* \* \*

É bom notar-se que, nesta missão, as reuniões têm de ser ao domingo, e logo a seguir aos ofícios litúrgicos da manhã, para que todos possam estar presentes e para que os de mais longe não cheguem a casa, já noite cerrada.

Sendo assim, quantas vezes, o missionário, após uma manhã de trabalho intenso, se sentia exausto e, portanto, sem aquela energia indispensável, para presidir convenientemente à reunião marcada! Mas, em face daquele exemplo eloquente edificante de santa dedicação e amor, ao verificar o sacrifício generoso e a boa vontade e dos Apóstolos do Imaculado Coração de Maria, o missionário ganhava novo alento e nunca deixou de presidir às reuniões, que duravam sempre, pelo menos, uma boa hora. É que só «quem semeia na dor e nas lágrimas, colhe na alegria e nos sorrisos». E quão depressa e consoladoramente, o céu mostrou a veracidade desta sentença do Divino Espírito Santo, aí fica demonstrado pelo que segue.

\* \* \*

Entre as nossas apóstolas, havia principalmente duas que se notavam pelo seu bom exemplo e pelo entusiasmo pela nobre causa da Mãe de Deus.

Chamavam-se elas Teresa e Leonilde. Eram as duas a alma do centro do seu lugar. Pelos seus conselhos e, principalmente, pelo seu viver cristão de verdadeiras amantes do Coração Doloroso de Maria, muito contribuíram para a manutenção e progresso do grupo de Santa Catarina.

Moravam longe... mas eram as primeiras a comparecer. Sobrecarregadas de trabalho, em casa,... eram as primeiras a ajudar em todos os serviços da Igreja, como por exemplo: Cruzada Eucarística, altar, alfaias, jardim, limpeza, etc.

E, no fim das reuniões, nunca se retiravam, sem pedir um conselho que, no intervalo da quinzena, as orientava, na vida de verdadeiras filhas de Maria.

Um dia, a Teresa abeirou-se do Missionário e diz-lhe, quase à queima roupa, «Senhor Padre, quero dar-me inteiramente a Nosso Senhor e ser uma serva de Maria, na vida religiosa...» Passaram-se umas semanas, e a Leonilde, sentindo também a graça da vocação, abre-se com o seu director espiritual, no mesmo sentido de Teresa.

É claro, embora satisfeitos uns e outros, com esta delicadeza do Divino Esposo das almas, não houve pressas. Em assunto de tal magnitude, é necessário dar tempo ao tempo, rezar e esperar. Por isso, durou um bom ano o estudo aprofundado da vocação religiosa destas duas fervorosas apóstolas.

\* \* \*

Ao cabo desse tempo, durante o qual, essas duas almas de eleição nunca se deixaram desalentar, perante duas provas a que foram submetidas, sobretudo por parte da família, e cumpridas as formalidades da praxe, que também acarretaram não pequenas dificuldades, as duas privilegiadas do Imaculado Coração de Maria, entraram no Instituto do Sodalício de S. Pedro Claver, em Lisboa.

Foi, no mês de Maio passado, que o Coração da Boa Mãe transplantou estas duas roseirinhas queridas do Canteiro de Santa Catarina — e centro de apóstolos — para o seu jardim de predilecção — a vida religiosa. E foi também, em Outubro do mesmo ano, outro mês consagrado a Nossa Senhora, que as mesmas seguiram para Roma, afim de entrarem no Noviciado do dito Instituto. Desde que transpuseram o limiar do portal sagrado, sentiram que era ali a sua morada. As suas almas transbordaram de Santa alegria, e só tinham pena que mais das suas companheiras de Santa Catarina não viessem depressa saborear quão doce e suave é habitar na Casa do Senhor.

\* \* \*

*Já de Roma, escreveram, duas vezes, e ali., se sentem igualmente felizes. Dizem que tiveram a grande dita de verem o Santo Padre várias vezes. Mas, para elas, a maior satisfação, «é estarem ao abrigo das vaidades do Mundo e habitarem, permanentemente, no palácio do Rei Divino»... E concluem: «...À Mãe do Céu, no Seu Coração Imaculado Coração, devemos nós graça tão extraordinária».*

*A primeira vista, parece que estas duas verdadeiras apóstolas do Imaculado Coração de Maria fazem muita falta ao Núcleo de Santa Catarina. A verdade, porém, é que, embora longe e aparentemente riscadas da lista do núcleo da sua terra, elas estão bem perto de nós, pelo espírito e pelo coração e não deixarão de ser verdadeiramente úteis ao grupo da sua terra natal, pela oração e pelo sacrifício.*

*Assim o esperamos, porque elas assim o prometeram.*

*E quem está mais perto de Deus e bem junto ao Imaculado Coração de Maria, como elas estão, não pode faltar às suas promessas.* P. R.

## DECRETO CONCEDENDO INDULGÊNCIAS

### ao Ósculo do Anel Nupcial

Desejando favorecer o afecto e a fidelidade conjugais nestes tempos, sobretudo, em que se vêem os direitos naturais e divinos do matrimónio tão indigna e frequentemente desprezados, S. S. João XXIII, Papa pela divina Providência, em audiência de 21 de Novembro, respondendo ao pedido que lhe fora feito pelo cardeal Penitenciário-Mor abaixo assinado, dignou-se conceder aos cônjuges que piedosamente beijarem, seja individualmente, seja em conjunto, o anel nupcial e recitarem com devoção e contrição a invocação: **Concedei-nos, Senhor, que, amando-Vos, nós nos amemos um ao outro**, ou outra semelhante, que possam lucrar, uma vez por dia, uma **indulgência** parcial de **trezentos dias**. Não obstante seja o que for em contrário. N. Card. Canali, **Penitenciário-Mor**  
I. Rossi, sec.

(Decreto publicado em a **LUMEN** de Março de 1960).

**Observação:** Na Bênção do Anel Nupcial o Ritual Romano considera apenas o **anel da esposa**. (Nota da Direcção).

## Aos Portugueses da América

### FAÇA-SE EM MIM

«Que se faça em mim, segundo a tua palavra!» foi o que Maria respondeu ao Anjo Gabriel.

Admirável resposta. Tantos homens imaginam que só valem quando fazem muito; que para ser importante, é preciso realizar grandes façanhas.

Nossa Senhora ensina algo de mais profundo. Que se faça! Ela se prestava ao que Deus quisesse! Não procurava nada! Não fazia grandes planos! Não pretendia coisa alguma! Não se antecipava aos acontecimentos!

Poder-se-ia, porém, dizer que Maria não provocasse os acontecimentos? Isso já não seria exacto, porque o Anjo lhe disse: — «Encontraste graça diante de Deus!» As virtudes, a pureza, o esplendor de Maria foram tão agradáveis à Santíssima Trindade, que atraíram a acção divina.

Há aqui, pois, uma grande lição, para todas aquelas almas, cuja psicologia é a da expectativa, a de uma certa passividade. Ao contrário dos activos, cujo perigo é a dissipação, essas almas como que «deixam o barco correr».

Está bem que esperem os sinais de Deus. Mas, como Maria, os esperem, na oração; que os esperem, na intensa vida espiritual; que os esperem, na prática das pequenas virtudes...

Sim, que se deixem fazer por Deus: que se faça nelas, segundo a vontade divina... Mas que também elas digam: «Eis aqui a serva do Senhor!»

**P.º Roberto Sabóia de Medeiros, S. J.**

«Meditações»

# Graças da Rainha do Mundo

## A MEDALHA MILAGROSA

(Continuação do número anterior)

**F**OI então que as mãos da Virgem, como se não pudessem sustentar os riquíssimos tesouros de graças que Deus nelas depositara, se inclinaram para a terra, derramando-os em forma de raios, sobre o mundo que tinha a seus pés.

Nesse momento, nem eu sabia onde estava — gozava, apenas; formou-se, então, em volta da Virgem Santíssima, um quadro um pouco oval, em que se liam estas palavras; escritas, em letras de ouro: «Ó MARIA; CONCEBIDA SEM PECADO, ROGAI POR NÓS QUE RECORREMOS A VÓS». As quais palavras formavam um semi-círculo que começava à altura da mão direita, passava por cima da cabeça da Senhora e ia terminar à altura da mão esquerda. Fez-se, então, ouvir uma voz que me disse:

«Manda, manda cunhar uma medalha por este modelo; todas as pessoas que a trouxerem consigo receberão grandes graças; trazendo-a ao pescoço; não-de ser abundantes as gra-

ças para as pessoas que a trouxerem com confiança».

No mesmo instante, o quadro pareceu voltar-se e vi, no reverso da medalha, a letra M, encimada dum cruz, tendo um traço na base e, por baixo do monograma de Maria, os dois corações de Jesus e de Maria — o primeiro cercado dum coroa de espinhos; o segundo, atravessado por uma espada. Em volta destes símbolos, havia uma coroa de doze estrelas, particularidade que foi dada de viva voz, pela vidente, conforme nos afirma o P.<sup>o</sup> Aladel. Tudo desapareceu, como uma coisa que se desfaz e eu fiquei cheia não sei de que sentimentos de alegria e consolação. A mesma visão se repetiu mais vezes, com o mesmo conjunto de circunstâncias, até fins de Dezembro de 1830 e princípios de Janeiro de 1831.

A vidente relata-nos a terceira aparição, em tudo igual à segunda, apenas com a diferença de a Santíssima Virgem, em vez de estacionar à esquerda do santuário, onde hoje está o altar da «Virgo potens»,

ter passado adiante e ido colocar-se acima do sacrário do altar-mor, um pouco para trás, precisamente, no lugar que hoje ocupa a sua estátua.

Ao terminar a terceira aparição, disse a Virgem Santíssima à vidente: «Dora avante, não me tornarás a ver, mas ouvirás a minha voz na oração. Assim foi, com efeito; Nossa Senhora falou-lhe, várias vezes, e deu-lhe muitas luzes e muitas explicações, relativas à Medalha e à missão de que a queria encarregar.

Perguntada pelo P.<sup>o</sup> Aladel, se havia alguma inscrição no reverso da medalha, respondeu que não tinha visto. Pergunte à Santíssima Virgem, replicou o sacerdote, o que é que se deve lá pôr. Obedeceu a Irmã e, depois de ter orado por muito tempo, pareceu-lhe ouvir uma voz que dizia: «o M e os dois corações dizem o bastante».

Eis em toda a sua simplicidade, o relato das Aparições à Irmã Labouré. Poderá alguém perguntar: qual é o valor histórico e crítico destas declarações da vidente; qual é, por conseguinte, a realidade objectiva, a verdade sobrenatural, das aparições de 1830,

especialmente, da manifestação de 27 de Novembro? Sem entrarmos em largas explicações — que não caberiam neste pequeno relato — remetemos o leitor para o Processo canónico de 1863 e para a livro do P.<sup>o</sup> Crapez que resumimos: Abstraindo dos milagres, da aprovação da Igreja, da santidade da Venerável, diremos que a sinceridade, a boa fé da vidente, jamais foi contestada, fosse por quem fosse. Quem pode supor que uma donzela do campo, sem instrução quase nenhuma, pudesse idealizar e coordenar todas as partes que formam o modelo da Medalha, formular a invocação, ter audácia bastante para ousar prometer a protecção especial da Santíssima Virgem, a quem trouxesse a Medalha? Quem pode imaginar numa pobre noviça descaramento bastante, para ir desfiar, tranquilamente, aos pés do director espiritual tantas mentiras e imposturas? Não, tal embuste, tal dobrês, tanta perversidade não podem conciliar-se com a simplicidade, candura, inocência e mais qualidades desta donzela.

Demais, que motivo poderia impelir a Irmã Catarina a architectar tão inverosimil men-

tira? Dirá alguém que foi instigada pelo amor próprio, vaidade ou ambição? Mas, logo a princípio, o director mostrou que não fazia caso das aparições; ela exigiu dele a promessa formal de nunca a nomear nem a dar a conhecer, a quem quer que fosse; ela mesma guardou, rigorosamente, o seu segredo; embora vivesse numa casa de mais de cento e cinquenta pessoas, nunca comunicou nada a nenhuma; o seu maior receio era ser tão somente suspeitada, quanto mais ser conhecida. O silêncio da Irmã é uma prova da sua Humildade e, portanto, da sua sinceridade; as palavras e fisionomia da vidente denotavam perfeita franqueza.

Mas não teria sido vítima de alguma ilusão da vista, ou do ouvido, de alguma alucinação religiosa, mística? Não; a vidente não era de temperamento nervoso, natureza exaltada; os antecedentes dos seus vinte e quatro anos, passados nos trabalhos domésticos, e do campo, longe da atmosfera agitada das cidades, não a podiam predispor para os extravios duma piedade mal entendida, falso misticismo, ou nevrose.

Como depôs o P.<sup>o</sup> Aladel, a sua piedade era simples, recta,

sem modos extraordinários, sem imaginação exaltada, antes muito fria, e até apática de carácter. Alucinada? Mas a aparição dá-se, em pleno dia, quando a vidente está no pleno uso dos seus sentidos; a Irmã vê tudo, tudo distingue, lê a oração inscrita, ouve, perfeitamente, a ordem e a promessa que lhe faz a visão, refere tudo com exactidão; nela não há essa depressão da vontade e da inteligência, irritabilidade de carácter e incoerência que se nota nas pessoas alucinadas. Pelo contrário, a submissão da Irmã ao director, que a não quer acreditar, e os quarenta e seis anos que vive depois da manifestação, dando sempre provas de uma inteligência firme e lúcida, cérebro equilibrado, mostram bem que nunca foi dessas alucinadas, ou pobres visionárias que só nos dão frases incompreensíveis, palavras truncadas, profecias incoerentes, imagens vagas e vaporosas, incertas e indeterminadas. Não; a vidente não foi vítima de ilusões ou alucinações; a aparição é bem real e verdadeira, como melhor se verá na prodigiosa difusão da Medalha e nos milagres, por ela operados.

*(Continua no próximo número)*

# Nas pegadas dos Mártires

## SANTA CECÍLIA

*Estou convencido que o título desta secção já te mereceu alguns momentos de reflexão. Nas pegadas dos mártires... Não são histórias que aqui se contam, para tu leres, como se lê um livro, à janela, nem vidas de santos, para tu decorares. Estas vidas que aqui passam a sangrar são um programa para ti. Um convite, a que não saberás dizer que não. Nas pegadas... é mesmo um caminho aberto que não tens mais, senão seguir, para não te perderes, na viagem. E repara, que, se te perdes, na viagem, já não mais chegarás ao fim.*

\*  
\*   \*  
\*

*Vai passar hoje, na tua frente, uma santa que conheces, com certeza e de quem, só o nome, lembra melodias de atrair. Se queres encontrá-la, anda comigo a uma gruta feia, cavada sob um templo de ídolos, às portas de Roma Antiga. Aí se juntavam os cristãos, dizimados pela perseguição de Septimo Severo, reconfortando-se, para novos tempos difíceis que não tardariam.*

*Para aí chegarem, era o cabo dos trabalhos.*

Aqui e além, cristãos disfarçados em mendigos, estavam pelo caminho, não só para dirigir os estranhos, mas, também, para avisar de qualquer perigo que aparecesse. Cecília não era nova nestes sítios. Quase criança, única pessoa cristã de uma família romana de nome, lá ia ela para a cripta, ricamente vestida, como nobre que era, para não dar nas vistas e evitar suspeitas.

Cecília sabia que não seria cristã impunemente, e, por isso, entregou-se totalmente ao Senhor, como quem arrumou um assunto de uma vez para sempre.

Seu pai prometeu-a, em casamento, a Valeriano, jovem nobre e bondoso. Mas nem com isso, Cecília se assustou. Tinha confiança no seu Jesus e vá de multiplicar os jejuns e as orações... que tinha, no coração, uma surpresa guardada para o seu divino esposo...

O casamento fez-se com toda a pompa romana, como era apanágio dos dois.

Quando os noivos se encontraram sós Cecília confidenciou a Valeriano a sua grande ideia:

— Amigo, muito querido, queria dizer-te um segredo. Se não disseses a ninguém...

Valeriano não diria a ninguém.

— Um anjo de Deus vela por mim, porque eu pertença a Deus. Se ele vir, que não respeitas a minha virgindade, ele defender-me-á e morrerás; mas se a respeitares, então amar-te-á, como me amas e a sua graça se estenderá, também sobre ti.

Valeriano ficou surpreendido, com aquele tu cá tu lá, com os anjos.

— Cecília, para que eu possa acreditar na tua palavra, faz-me ver esse anjo. Quando eu o vir e reconhecer que é anjo de Deus, farei o que me pedes. Mas se é algum homem que amas, fica sabendo, que te matarei, a ti e a ele.

Mas era um anjo de verdade, que Valeriano, bem o viu, pouco depois. Impressionado por esta presença de Deus, no mundo do seu lar, converteu-se à fé de Jesus Cristo. Tinha ele um irmão,

Tibúrcio, que muito estremeceu e pediu ao anjo que guardava Cecília, a sua conversão. E os dois começaram a instruí-lo e a catequizá-lo e a hora do baptismo não se fez demorar.

Mas, a conversão dos dois romanos começou a dar que falar. Denunciados como cristãos, o imperador não lhes perdoou a conversão e mandou-os degolar. E Cecília ficou viúva.

O Prefeito da Cidade, sem perda de tempo, que ocasiões como esta não havia muitas, procurou imediatamente apoderar-se dos bens de Valeriano e Tibúrcio; mas acharam-lhe o sítio, porque Cecília tinha já distribuído tudo, pelos pobres. E, pouco contente, por os dois terem sofrido o martírio, antes dela, ali mesmo, disse ao Prefeito, com todas as letras, que era cristã e que não adorava outro Deus, que não fosse o Deus dos cristãos, Senhor do Céu e da Terra.

O Prefeito, surpreendido pelo disparate e, tendo em conta a posição de Cecília, enviou-lhe agentes que lhe propusessem, simplesmente, sacrificar aos ídolos, sem demonstração pública.

Os agentes chegaram, doídos da sorte de tão nobre, como boa senhora.

Mas Cecília procurou consolá-los:

— Para mim é glorioso e apetecível sofrer todos os tormentos, por Jesus Cristo.

Mas eles não se convenciam e, achando mal empregado o martírio, numa senhora de tantas qualidades, supplicaram-lhe que subtraísse, a um suplício cruel, tanta juventude, glória e beleza.

— Morrer por Cristo, lhes diz ela, não é sacrificar a juventude, mas renová-la. Em troca de dois miseráveis dias, Ele dá-nos a Vida Eterna.

Ao que eles, sucumbiram:

— Acreditamos que o Cristo, que possui uma tal serva, tem que, por força, ser o Deus verdadeiro. E não foram os

únicos a converterem-se — que há atitudes na vida que valem por um sermão.

Por fim, Cecília foi chamada à presença do Prefeito da cidade.

— Escolhe e não sejas louca: sacrifica aos deuses, ou diz que não és cristã, e retirar-te-ás em paz.

— O suplício, replicou Cecília, será a minha vitória. Não acuses de loucura senão a ti mesmo, que julgaste poder levar-me a renegar a Cristo.

— Não queres sacrificar aos deuses?

— Prefeito, não te exponhas ao risco dos que te cercam. Todos sabem que Deus está no Céu. Essas estátuas eram bem mais úteis convertidas em cal. Só Cristo salva da morte, só Ele livra o homem, réu do pecado.

Depois, foi a sentença de morte. Todavia, o juiz quis evitar que fosse executada, publicamente, uma mulher tão nobre e respeitada. Ordenou que Cecília fosse levada a sua casa e que aí a matassem, sem ruído, sem efusão de sangue, abafada pelo vapor, na sala de banho do seu palácio.

Um orvalho celeste desceu sobre a sala e as achas de nada serviam, por mais atizadas que fossem. Os carrascos descarregaram então três golpes sobre a sua cabeça, mas os três golpes que a lei ordenava não foram suficientes para a matar. Três dias demorou naquela agonia. Foram três dias, em que não cessou de exortar aos que a visitavam, perseverança e coragem.

Quando o Santo Pontífice Urbano chegou, Cecília colocou, nas suas mãos, os pobres que costumava sustentar; deixou-lhe, também, a sua casa, para que dela se fizesse uma Igreja. Foi a sua súplica final.

O seu corpo repousa na cripta da basílica de Santa Cecília, em Roma.

## Quer inscrever-se no nosso Movimento?

**Q**UER viver no aconchego maternal do Coração Imaculado de Maria? Quer dar uma resposta ao pedido de Nossa Senhora em Fátima quando disse: «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração»?...

Pois bem, inscreva-se no **«Movimento dos apóstolos e apóstolas do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»**.

Este movimento pretende, numa organização toda espiritual, sem bandeira nem distintivo, congregar e unir à volta do Coração vivo e glorioso da Mãe de Deus e Rainha do céu todas as almas de boa vontade que sonham com o ideal de pôr a vida ao Seu serviço, consagrando-se por inteiro a Ela, em resposta à mensagem de Fátima, a fim de melhor servir a Santa Igreja, cada um conforme a sua condição e vida.

Quem enfileira neste movimento compromete-se a:

- 1) Consagrar-se totalmente ao Imaculado Coração de Maria e levar os outros a fazer o mesmo.
- 2) Guardar e defender com ciúme santo a graça baptismal, alimentando-a frequentemente com os sacramentos de modo a ser, como Maria, sacrário vivo do Espírito Santo.

- 3) Lutar até ao martírio pela pureza de corpo e de alma, em si e nos outros, e seguindo sempre, sobretudo no vestir e nos passatempos, as regras do pudor e da decência cristã.
- 4) Encher a vida de oração reparadora, em particular por meio dos 15 mistérios do Rosário, diària-mente recitados e meditados.
- 5) Dar-se a toda a sorte de apostolado dentro das condições de vida e segundo a manifestação da santíssima Vontade de Deus à própria consciência.
- 6) Difundir o movimento e atrair a ele o maior número de almas possível.
- 7) Assinar a revista do movimento: **«Ao serviço da Rainha do mundo»**.

Este movimento está mais que aprovado pela Hierarquia como sendo um dos mais preciosos e eficazes auxiliares da A. C. e a «resposta mais adequada à mensagem de Fátima». É tido ainda como uma das melhores formas de «realizar eficazmente a campanha da pureza» tão pedida e recomendada pela Santa Sé.

...Peça informações aos Secretários do Movimento.



**Qual é precisamente a mensagem de Fátima?...**

**Creio que poderia resumir-se nestes termos: a revelação do Imaculado Coração de Maria ao mundo actual.**

**(Palavras de S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca)**